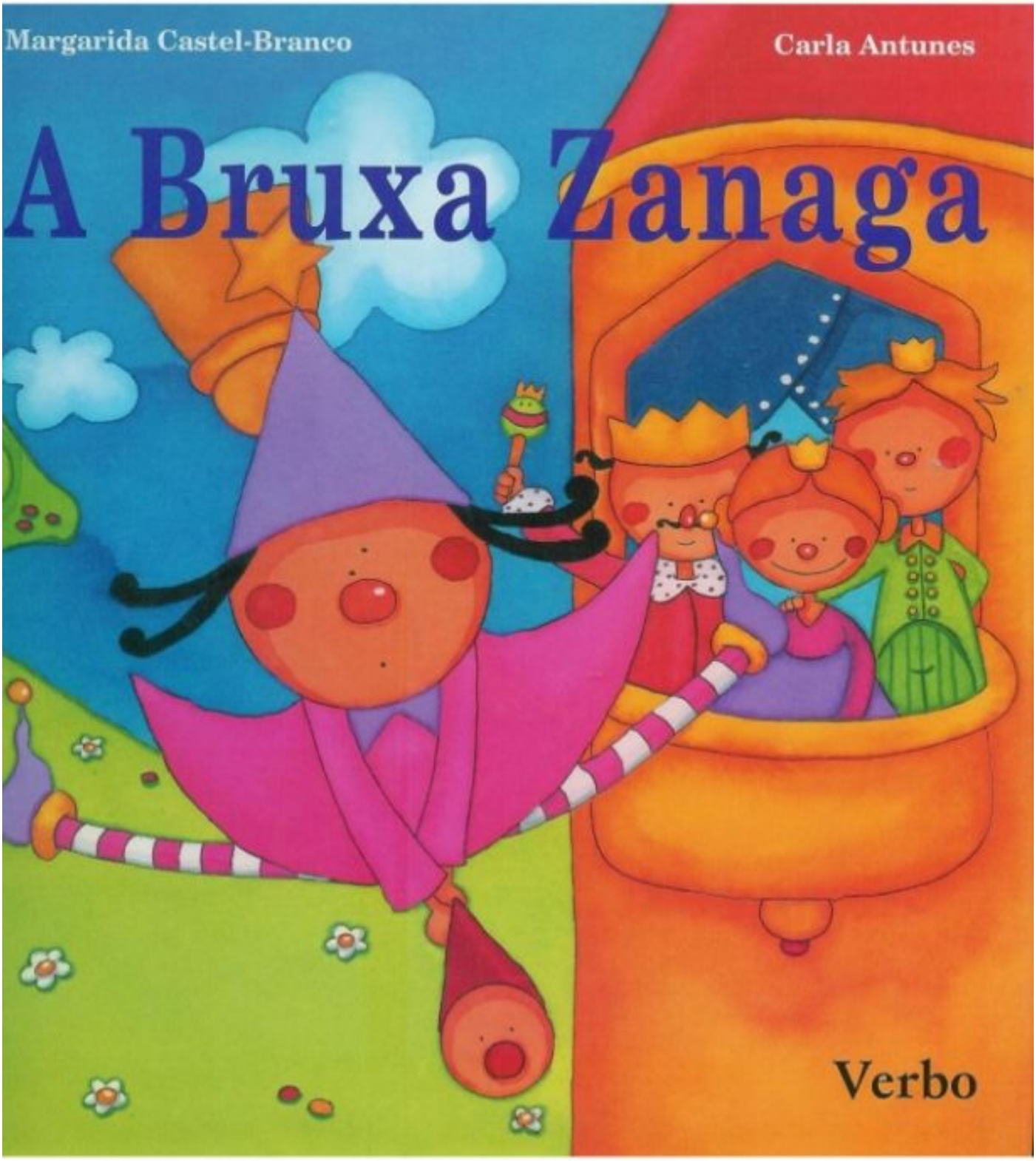
Margarida Castel-Branco

Carla Antunes

A Bruxa Zanaga



Verbo

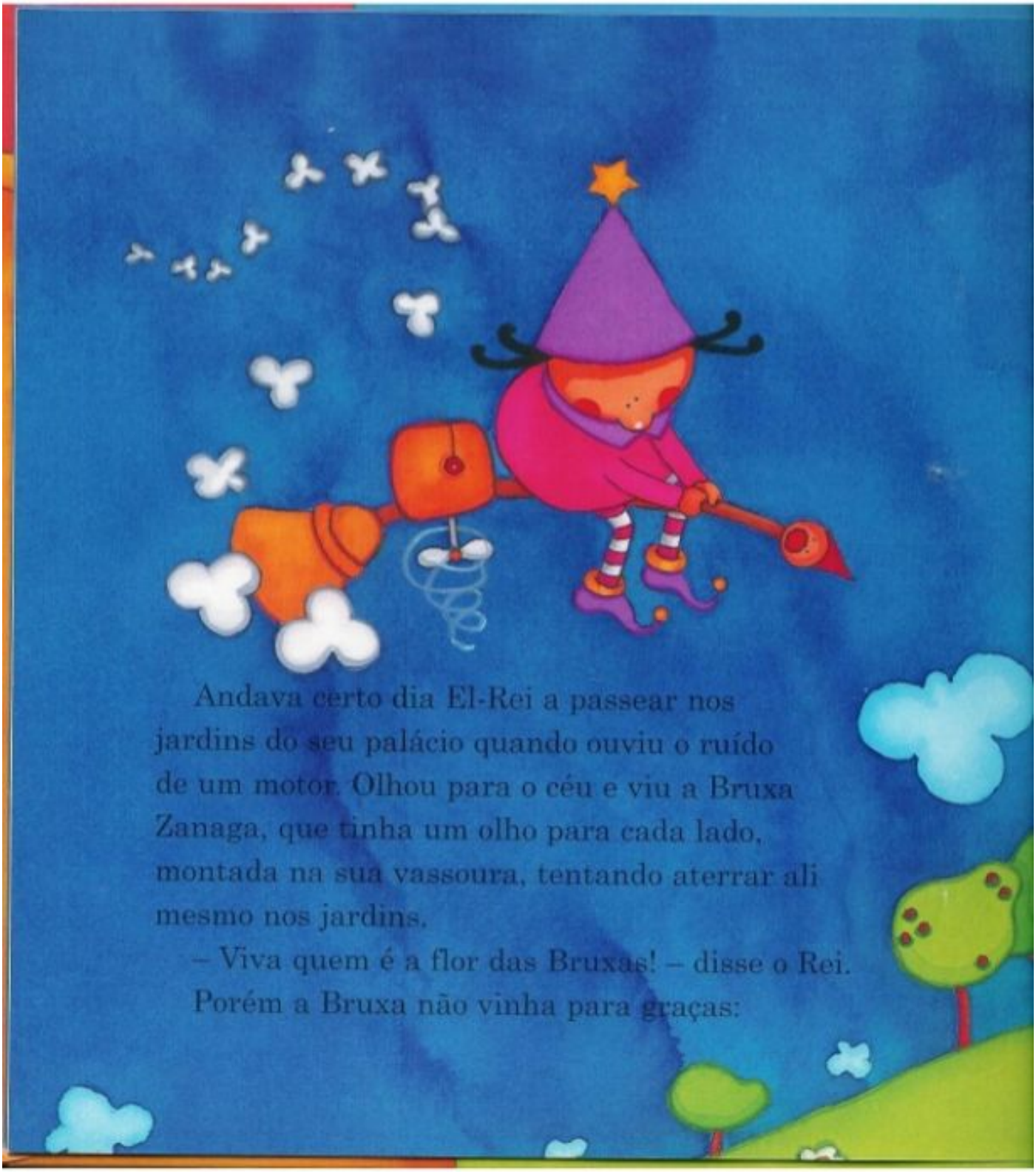
Texto de
Margarida Castel-Branco

Ilustrações de
Carla Antunes

A Bruxa Zanaga



Verbo



Andava certo dia El-Rei a passear nos jardins do seu palácio quando ouviu o ruído de um motor. Olhou para o céu e viu a Bruxa Zanaga, que tinha um olho para cada lado, montada na sua vassoura, tentando aterrar ali mesmo nos jardins.

– Viva quem é a flor das Bruxas! – disse o Rei.

Porém a Bruxa não vinha para graças:



– Sabes de onde venho? – perguntou ela mal desceu da vassoura. – Acabei de fazer o meu exame final.

– Espero que te tenha corrido bem, para vires a ser um dia Rainha das Bruxas!

– Tazbrenhaxa! – respondeu a Bruxa piscando os olhos vesgos.– Querem chumbar-me!!! Dizem que eu sou a Bruxa mais cábula do País! Eu estudo... palavrinha que estudo, mas este meu defeito da vista... quando tenho um olho a olhar para o livro, o outro está sempre a olhar para outro sítio qualquer!!!... Mas eu sei... Palavrinha que sei...

– Então é embirração dos professores... Se calhar invejas... Há sempre invejas à volta de uma pessoa tão esbrenhuxa como tu!

– Já esperava que defendesses a tua velha amiga. – A Bruxa começava a estar mais consolada. – Mas vamos ao que interessa: Lembrei-me... como a Princesa é afilhada da Rainha das Bruxas... compreendes... Queria...

– Uma ajudazinha?!

– Pois era mesmo uma ajudazinha!!! O exame não me



correu muito bem...
Eu sabia... mas tive azar!
Na prova da vassoura sem
motor não fui capaz de
meter marcha atrás...
e depois, na prova escrita,
pediram-me aquela
fórmula, muito conhecida,
de adormecer uma Princesa
durante cem anos, e eu que
a tinha na cábula, mas não a pude consultar, zás!, escrevi
aquela de fazer crescer as orelhas de burro!!!

A filha do Rei era a Princesa mais vaidosa do mundo. Todos os dias queria um vestido novo e cada vestido dos seus tinha mais de mil lacinhos de todas as cores e mais de cem metros de folhinhos para ficar bem enfeitado. O seu quarto era todo forrado de espelhos diante dos quais ela passava o dia a mirar-se e a saracotear-se toda.

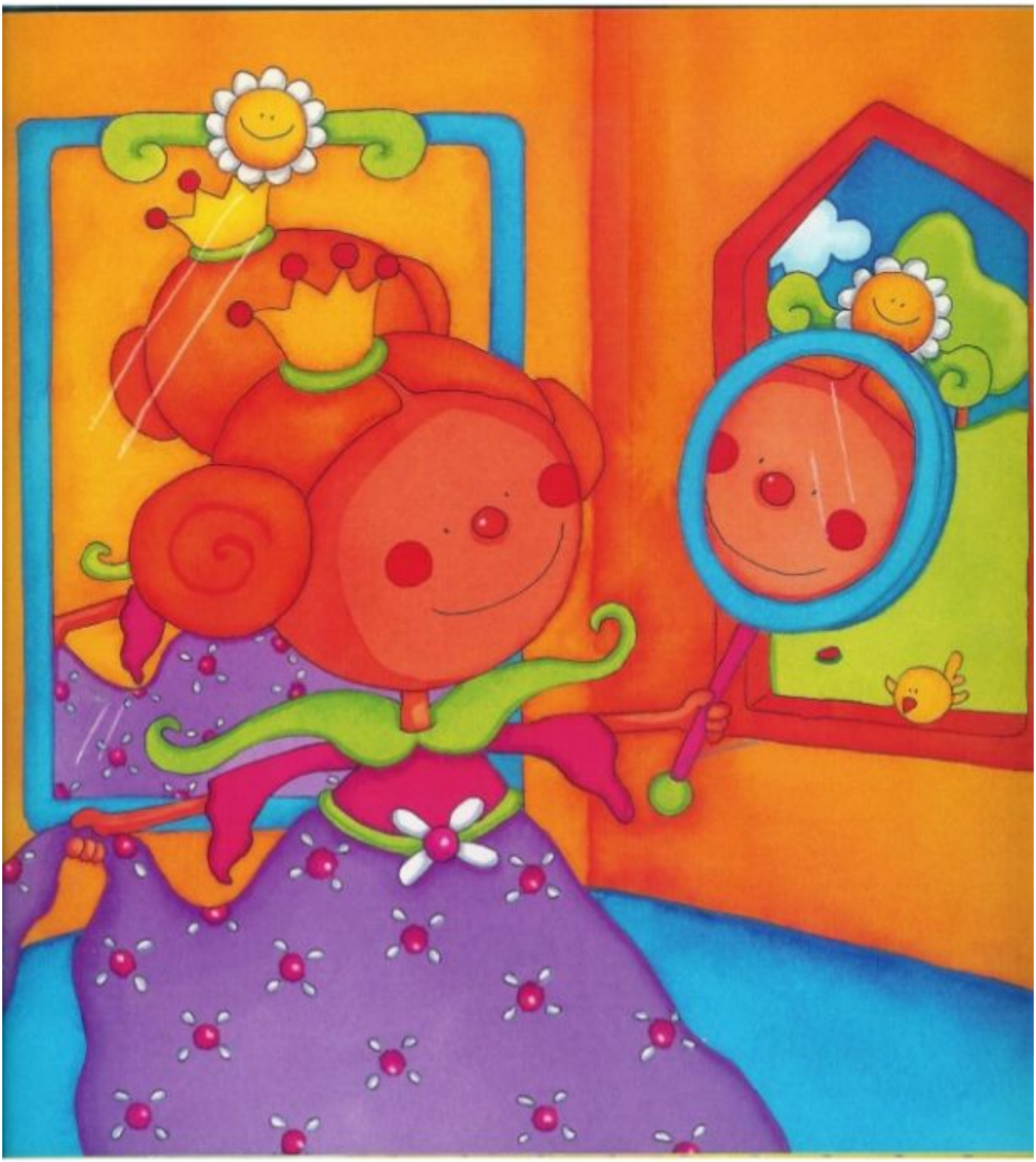
Vários príncipes tinham querido a mão da Princesa Toleirona, mas a todos ela tinha torcido o nariz:

«Este porque é feio, aquele porque não sabe apreciar a minha beleza, o outro porque não tem dinheiro para me oferecer jóias esbrenhuxas como eu quero.»

Enfim, nenhum lhe servia.

Passado tempo, andava El-Rei a passear nos jardins do palácio e a pensar nestas coisas todas, pois com as despesas da Princesa em breve teria de vender o Reino e os Castelos se não arranjasse um Príncipe suficientemente rico para as pagar, quando viu poisar mesmo a seu lado a Bruxa Zanaga tão silenciosamente que até se assustou.

Engolindo o susto disse:





– Então agora tiraste o motor da tua vassoura?

– Pois, agora sou uma Bruxa a sério... Já ando no ar numa vassoura sem motor... e a ti o devo! Vinha agradecer-te a ajudazinha e dizer que já montei consultório com mocho, gato preto e tudo. Além disso, queria perguntar se precisavas de alguma coisa desta Bruxa sempre ao teu dispor... Queres um dragão com vinte cabeças para guardar o palácio? Queres que transforme em sapo algum dos teus inimigos? Queres um cavalo que corra como o vento?

O Rei pôs-se a pensar e a certa altura lembrou-se:

– Quero um Príncipe para casar com a minha filha, rico, novo e bonito!

A Bruxa puxou a varinha de condão que trazia no chapéu



de bico e, subindo a uma pedra,
disse para o Rei:

– Vês aquele burro que está ali a pastar? Vou **trans-for-má-lo**!!!

– O Burro não! – ia a gritar o Rei, mas a Bruxa já tinha começado a murmurar umas coisas mágicas, fechando os olhos para ficar mais concentrada e desenhando sinais com a varinha.

De repente, o céu fez-se vermelho, a terra começou a tremer e um relâmpago rasgou o ar.



O Rei fechou os olhos, convencido de que ia morrer, mas, como não ouviu mais nenhum barulho, resolveu abrir um olho... e, qual não foi o seu espanto, ao ver no lugar do burro um lindíssimo Príncipe sentado numa carruagem dourada. Era seguido por uma enorme comitiva de vassalos que traziam sacos a transbordar de ouro e pedras preciosas. À frente seguia o emissário do Príncipe, vestido de negro, de barbas brancas a voar ao vento, que saindo da comitiva se dirigiu para onde estavam o Rei e a Bruxa.

Esta não cabia em si de contente: dava saltinhos arregaçando a saia e dizia batendo no peito:

– Eu sou a melhor do mundo! Eu sou a melhor do mundo! Olha para esta maravilha!!!



O Rei deu-lhe um beliscão para estar quieta, pois o emissário tinha começado a falar:

– Majestade... – seguiu-se um grande discurso todo cheio de torcidos e tremidos a pedir a mão da Princesa.

O Rei, entretanto, contava disfarçadamente os sacos de ouro e a Princesa fazia o mesmo da janela do seu quarto, de onde tinha vindo espreitar.

Estava satisfeitíssima, mas a sua grande alegria ainda foi maior quando um dos lacaios do Príncipe lhe veio trazer um ramo de flores feito de pedras preciosas. Os cravos eram formados por rubis vermelhos que brilhavam ao sol, as rosas, por pérolas enormes, tudo rodeado de esmeraldas a imitar folhagem.

O lacaio trazia também um cofrezinho com uma coroa na tampa. A Princesa abriu-o e encontrou lá dentro um cartão em branco. Nisto chegou o Rei, todo esbaforido, a explicar que o cartão era para escrever a resposta.

Então a Princesa pegou na sua caneta em forma de coração, escreveu um SIM a toda a altura e o casamento ficou logo marcado para daí a três dias. Durante esses três dias houve grande azáfama no palácio, toda a gente trabalhava menos a Princesa, é claro, que passou todo o tempo a provar o seu vestido de noiva e a fazer penteados ao espelho.



Chegou finalmente o grande dia. O palácio estava cheio de convidados que eram reis e rainhas dos países vizinhos, e todos gabavam o Príncipe e a Princesa que tanta sorte tivera.

A Bruxa também lá estava e andava radiante de um lado para o outro, muito excitada.

Durante o banquete ficou ao lado do Rei e, enquanto com um olho olhava para a comida, com o outro mirava o seu Príncipe, toda babada.



A certa altura o Rei levantou-se e começou a fazer um brinde que andava a preparar há três dias:

– Meu estimado genro, minha querida filha... – e o Rei continuou a falar durante muito tempo, fez elogios a toda a gente e por fim sentou-se ao som de muitas palmas.

Era agora a vez de o Príncipe falar. Um grande silêncio espalhou-se pela sala. O Príncipe levantou-se, com uma taça na mão, fez muitos sorrisos para a direita e para a esquerda e começou:

– IIIMM-OOOM! IIIMM-OOOM! – como se fosse um burro!



Nesse instante ouviu-se um grito da Bruxa Zanaga:

– Ai que me enganei! – E, saltando por cima da mesa para ir mais depressa, pegou na vassoura que estava a um canto, sumindo-se por uma janela aberta.

Mas o Príncipe continuou:

– IIIMM-OOOMM! IIIMM-OOOMM! IIIM-OOOM!

Então todos começaram a rir tanto, tanto que até choravam. Só a Princesa é que chorava de raiva, maldizendo a sua sorte.





E quando os convidados se retiraram, ainda a disfarçar o riso, ela resolveu fugir com o seu Príncipe Burro para qualquer lugar afastado onde não fosse motivo de troça e de risota.

Passaram-se anos sem que se ouvisse falar da Princesa e do Príncipe Burro; nem o próprio Rei sabia onde viviam. Andava muito desgostoso depois da aventura da filha e só saía do seu palácio para ir a caçadas, pois era a única coisa que ainda o distraía. Ora, um dia, foi convidado para ir caçar onagros, que são burros bravos e vivem em grandes florestas.



O Rei foi, pois nada lhe dava mais prazer que uma caçada aos burros. Depois de muitas peripécias e correrias atrás de um onagro, viu-se perdido numa mata. O seu cavalo estava tão cansado que parecia não poder dar nem mais um passo e o Rei, que já se sentia velhote para aquelas aventuras, começava a desanimar quando descobriu um caminho. Meteu-se por ali fora e, daí a pouco, começou a ver espreitar por cima das copas das árvores as altas torres de um castelo.

«Um grande castelo», pensou o Rei. Mas só pôde apreciar toda a sua grandeza e formosura quando as árvores desapareceram por completo, dando lugar a um terreiro no meio do qual se erguia o castelo.

Uma escadaria monumental conduzia ao andar nobre. O Rei prendeu o cavalo a um pilar e começou a subir, a subir...

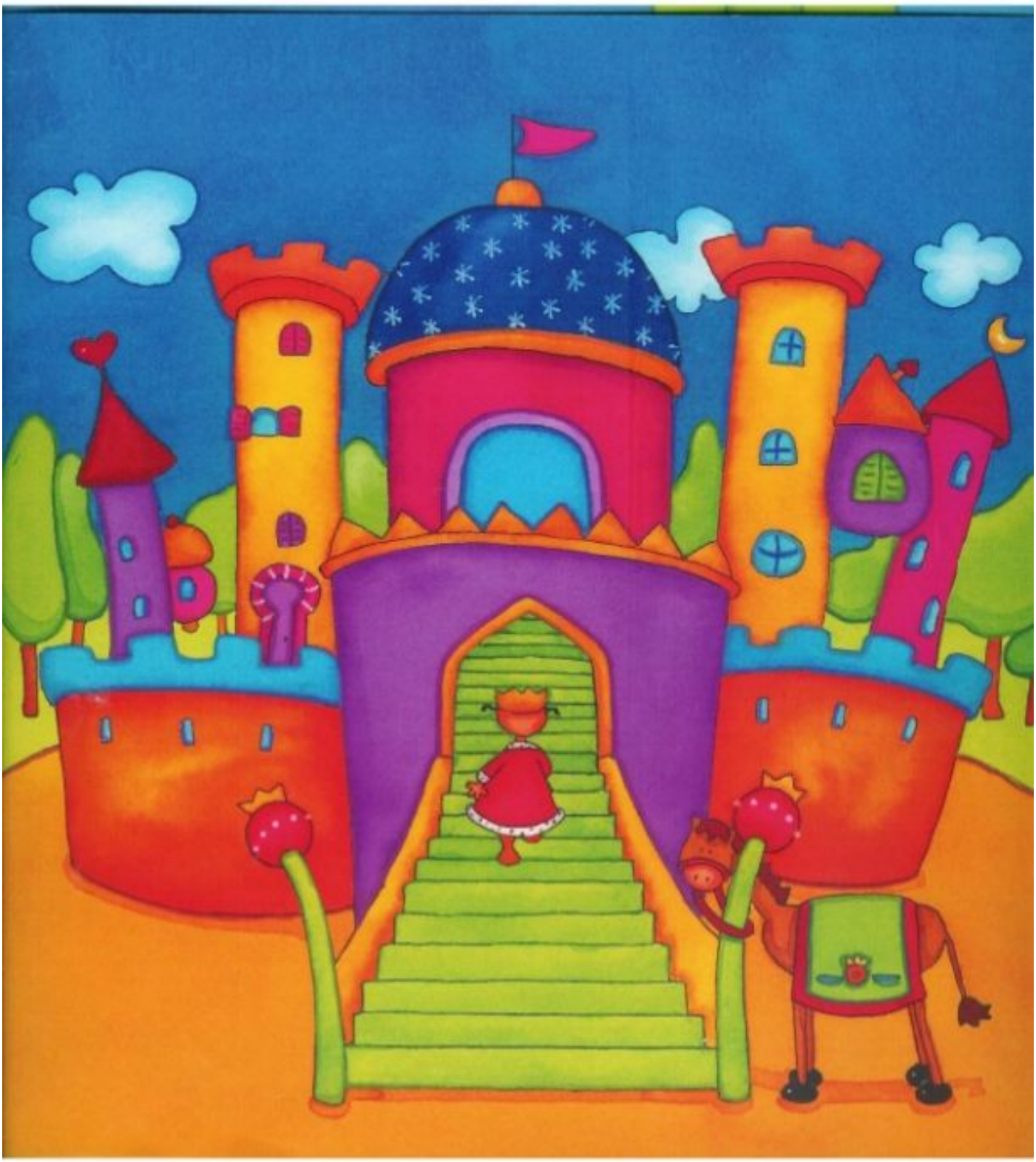
– Entrai, Majestade! – ouviu dizer mal chegou lá acima.

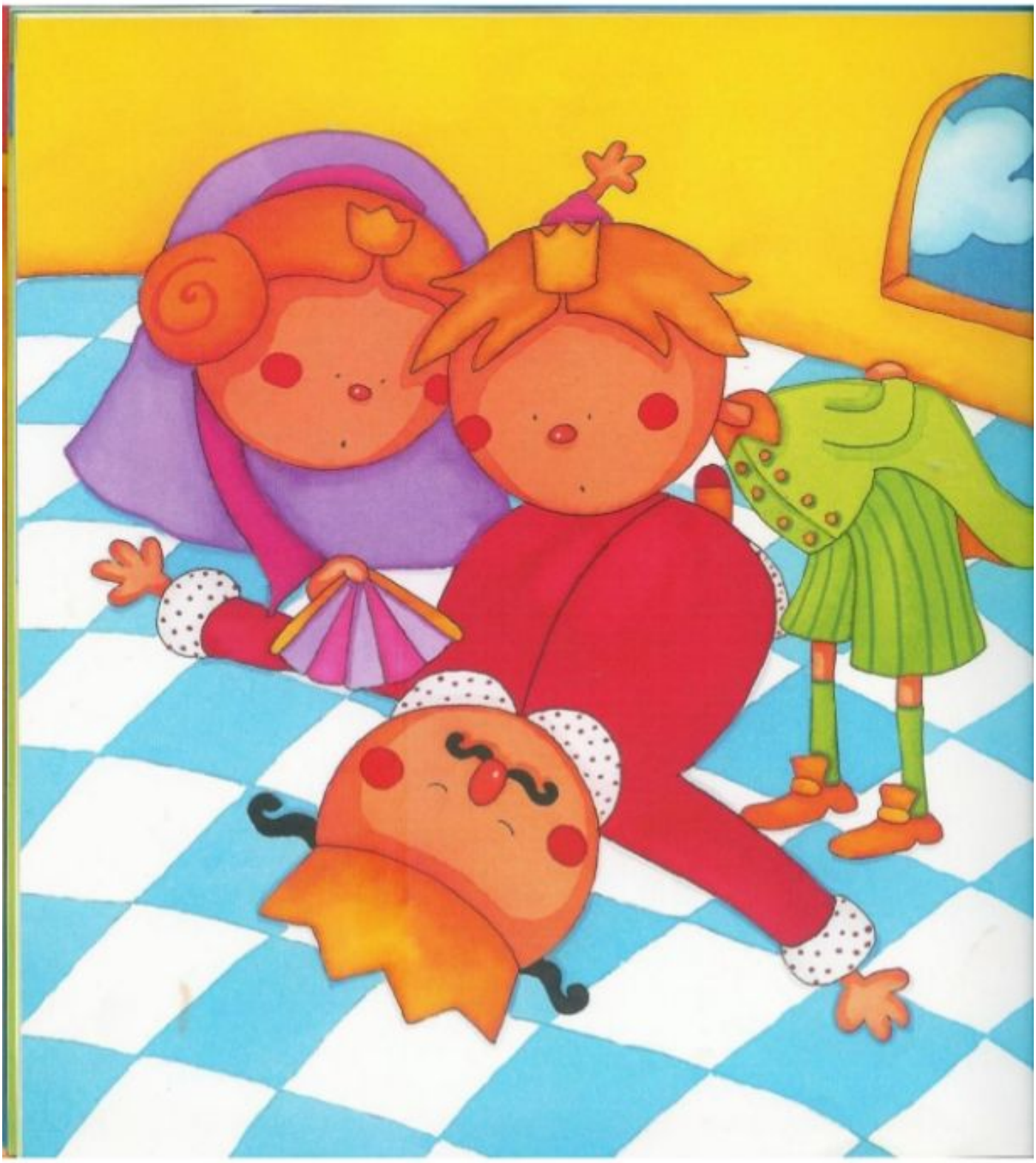
E as portas abriram-se de par em par.

O Rei, que nunca mais tinha querido negócios com bruxaria, começou a pensar que estava metido noutra. Ainda quis recuar, mas logo vieram dois lacaios que o conduziram através de muitas salas.

Finalmente chegou a uma sala toda dourada onde estava uma linda senhora a bordar.

– Podeis entrar, meu Pai! – disse a Princesa, vendo o Rei um bocado atrapalhado sem saber onde se encontrava.





Só então reconheceu a filha, pois a Princesa estava completamente diferente, sem os laços nem os folhinhos com que costumava enfeitar-se. Mas o seu espanto foi muito maior quando viu entrar o Príncipe Burro, que se dirigiu para ele e disse:

– Vossa Majestade caiu entre a família!

– Caí... Caí – gaguejou o rei... e pumba! caiu desmaiado!

Só no dia seguinte estava suficientemente calmo para poder ouvir toda a história que os príncipes tinham para lhe contar.

A Princesa contou como tinham chegado àquele lugar, como tinham resolvido mandar construir ali o palácio com o ouro que traziam nos sacos e como, a pouco e pouco, ela fora ensinando o Príncipe a falar e perdera a sua vaidade. Depois falou nos principezinhos que tinham nascido e eram tão endiabrados, sempre a correr de um lado para o outro, obrigando a princesa a andar atrás deles.

O Rei ficou encantado com os netos, que o iam matando com beijos e abraços, e também gostou do genro que afinal não era nada burro.



Ficou logo decidido que os príncipes iriam viver com ele para a cidade, onde lhes entregaria as rédeas do governo.

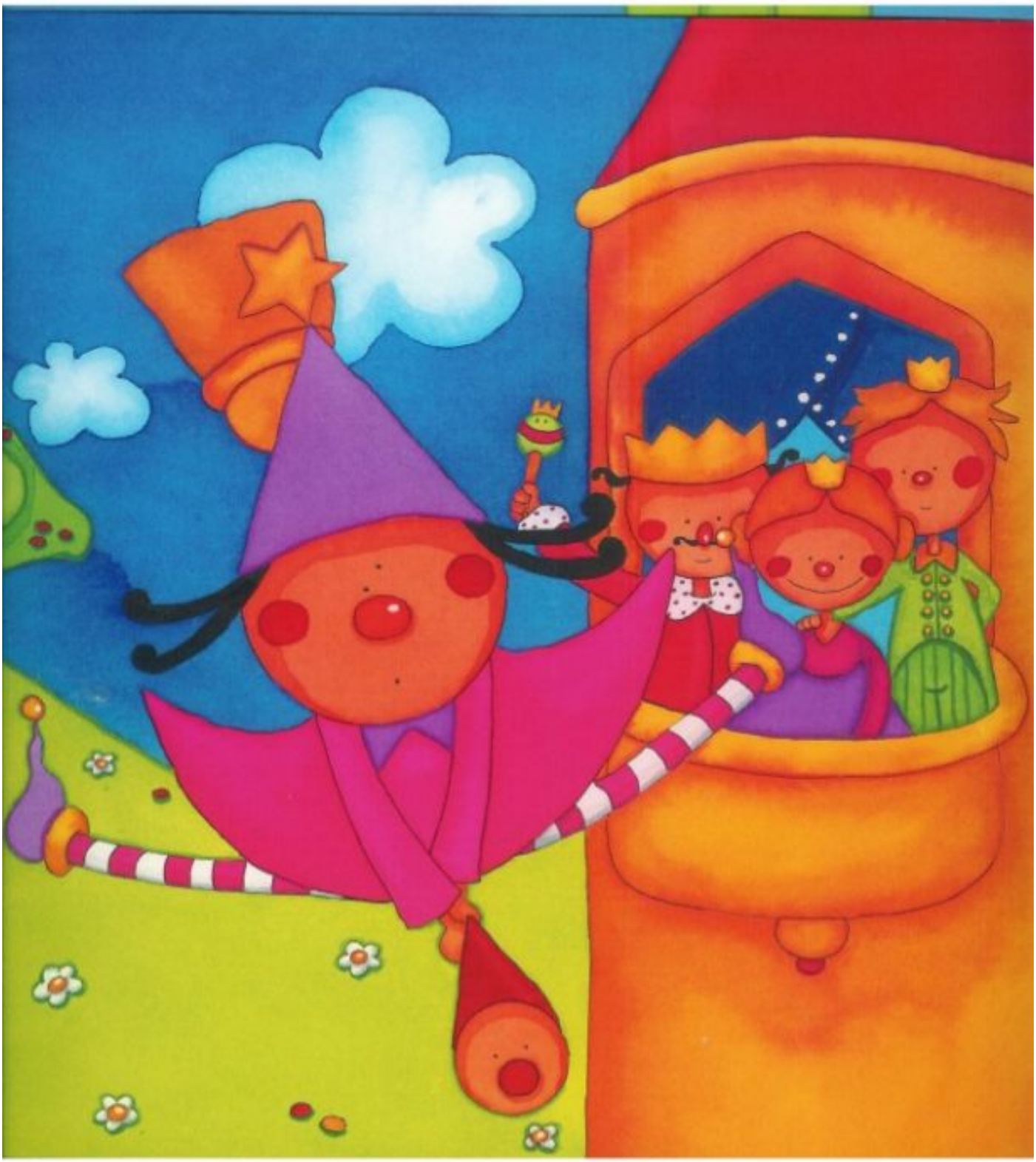
Um dia, estavam o Rei, o Príncipe e a Princesa sentados numa varanda do palácio real, quando viram uma mulherzinha montada numa vassoura a andar pelo jardim fora:

– Que é aquilo? – perguntou o Rei.

– Deve ser maluca! – disse o Príncipe.

Mas, quando ela se aproximou, repararam que a criatura tinha um olho para cada lado, e logo reconheceram a Bruxa Zanaga.

– Então, o que é feito? – perguntou o Rei, já com pena dela.





– Vou mal... Estou desempregada. Depois daquele azar... daquela pouca sorte... nunca mais ninguém foi ao meu consultório... Tive de vender a minha bola de cristal, o mocho, o gato preto... Estraguei tudo! Sabes, isto de ser Bruxa tem que se lhe diga... Tem mesmo que se estudar a matéria, senão é uma desgraça pegada! Venho aqui muito envergonhada, pedir-vos desculpa...

– Estás perdoada – disse a Princesa levantando-se para lhe dar um abraço. – Tu até me arranjaste um marido muito bom, meigo, sem vaidades e... um pouco teimoso como eu precisava!

– Mas só zurra... – respondeu a Bruxa limpando uma lágrima do olho mais torto.



– Não digas IIIIMMSSO! – interrompeu o Príncipe com um ligeiro zurro.

– Ah! ele já fala! ele já fala! – exclamou a Bruxa saltando à volta da vassoura. Mas nesse instante entraram na varanda sete principezinhos aos saltos e aos gritos. Atrás vinha uma Aia.

– Não consigo! Não consigo tomar conta destes infantes! Perdoai-me, Real Senhora, mas é impossível! Estão sempre a fugir-me! Isto só tendo um olho para cada lado!

– Eu tenho! Eu tenho! – disse a Bruxa. – Eu vou conseguir!

– Claro – confirmou a Princesa –, tu é que vais ser agora a Aia dos meus filhos. Serás a Aia mais esbrenhuxa do mundo!



